

Mostra no Museu do Ipiranga explora imigração alemã e italiana por objetos

Quase mil itens, pertencentes à coleção Azevedo Moura, evidenciam desejo de beleza apesar de cotidiano simples

F DÊ UM CONTEÚDO



Lara Paiva

SÃO PAULO A réplica ampliada de um cavaleiro de madeira chama para uma mostra temporária no [Museu do Ipiranga](#), com quase mil objetos e móveis dos primórdios da [imigração](#) alemã e italiana no Brasil. É um cavaleiro surpreendentemente moderno para ser do início do século 20 –com traços minimalistas e geométricos, ele não tenta imitar a fisionomia do animal ao pé da letra, mas interpreta-o de forma intuitiva.

Há um ano, a réplica chamava para a mostra no Farol Santander, em [Porto Alegre](#). Mas, devido às [enchentes no Rio Grande do Sul](#), foi levado [pelas águas](#) e encontrado a um quilômetro de distância do local.



Mostra 'Design e Cotidiano na Coleção Azevedo Moura', no Museu do Ipiranga - Hélio Nobre/Divulgação

Na coleção Azevedo Moura –acervo dos arquitetos gaúchos Tina e Calito–, são muitos os cavalinhos infantis, desde os modelos mais rústicos aos mais detalhados, pintados em cores vibrantes e com crina em fibras naturais.

"Isso coloca em perspectiva a máxima da [escola de [arte](#) e design] Bauhaus, que determina que a forma segue a função. Isso significa que, em teoria, a cultura não interferiria na criação de um objeto", explica a curadora da mostra "[Design e Cotidiano](#)", Adélia Borges.



Mostra 'Design e Cotidiano na Coleção Azevedo Moura', no Museu do Ipiranga Hélio Nobre/Divulgação



Segundo Borges, os cavalinhos remontam ao costume germânico de um padrinho presentear seu afilhado homem com o objeto, geralmente feito à mão. Indício de riqueza na Europa, eram mais acessíveis no Brasil –e, até hoje, é um importante [símbolo da cultura gaúcha](#).

A mostra, dividida em dez núcleos, passa por utensílios de cozinha, cadeiras e banquinhos, decorações religiosas, ferramentas e outros itens colecionados principalmente no Rio Grande do Sul, mas também em [Santa Catarina](#) e no [Paraná](#), a partir dos anos 1970.

"Aqui mostramos que a forma segue, sim, a função. Mas nesses objetos pesam, também, os sonhos, o desejo de beleza, a visão da pessoa que o fez", afirma a curadora.



Mostra 'Design e Cotidiano na Coleção Azevedo Moura', no Museu do Ipiranga - Hélio Nobre/Divulgação

Os primeiros imigrantes alemães e italianos –que chegaram ao Brasil de navio, há 201 e 151 anos, respectivamente– eram majoritariamente agricultores. "Pessoas comuns, com objetos comuns", diz Borges.

"Eles vieram ao Brasil para trabalharem na lavoura –mas nos períodos de inverno e entressafras, eram exímios artesãos", explica. "Tem uma preocupação estética, um desejo de fazer algo que se distinga, mesmo que simples".

Exemplo disto são as portas expostas –grandes e maciças, são ornadas com motivos geométricos e florais. Algumas delas, pintadas em cores vibrantes, estão marcadas pela pátina do tempo mas ainda preservam detalhes minuciosos.



Porta exposta na mostra 'Design e Cotidiano na Coleção Azevedo Moura', no Museu do Ipiranga - Viva Foto/Divulgação

Com exceção de alguns itens, como cerâmicas importadas por famílias mais abastadas, grande parte dos itens expostos foi feito à mão.

Alguns dos imigrantes, inclusive, precisaram reaprender seus ofícios para se adaptar à sua nova realidade. Marceneiros, por exemplo, se depararam com dezenas de espécies de árvores com as quais não tinham familiaridade –açoita-cavalo, cedro, cabreúva, araucária.

Eles também foram influenciados pelos povos com os quais tiveram contato. A presença de canecas de mate na coleção é testemunho dessa prática, atribuída ao Sul do Brasil, que foi absorvida a partir do contato dos alemães e italianos com os indígenas da região.

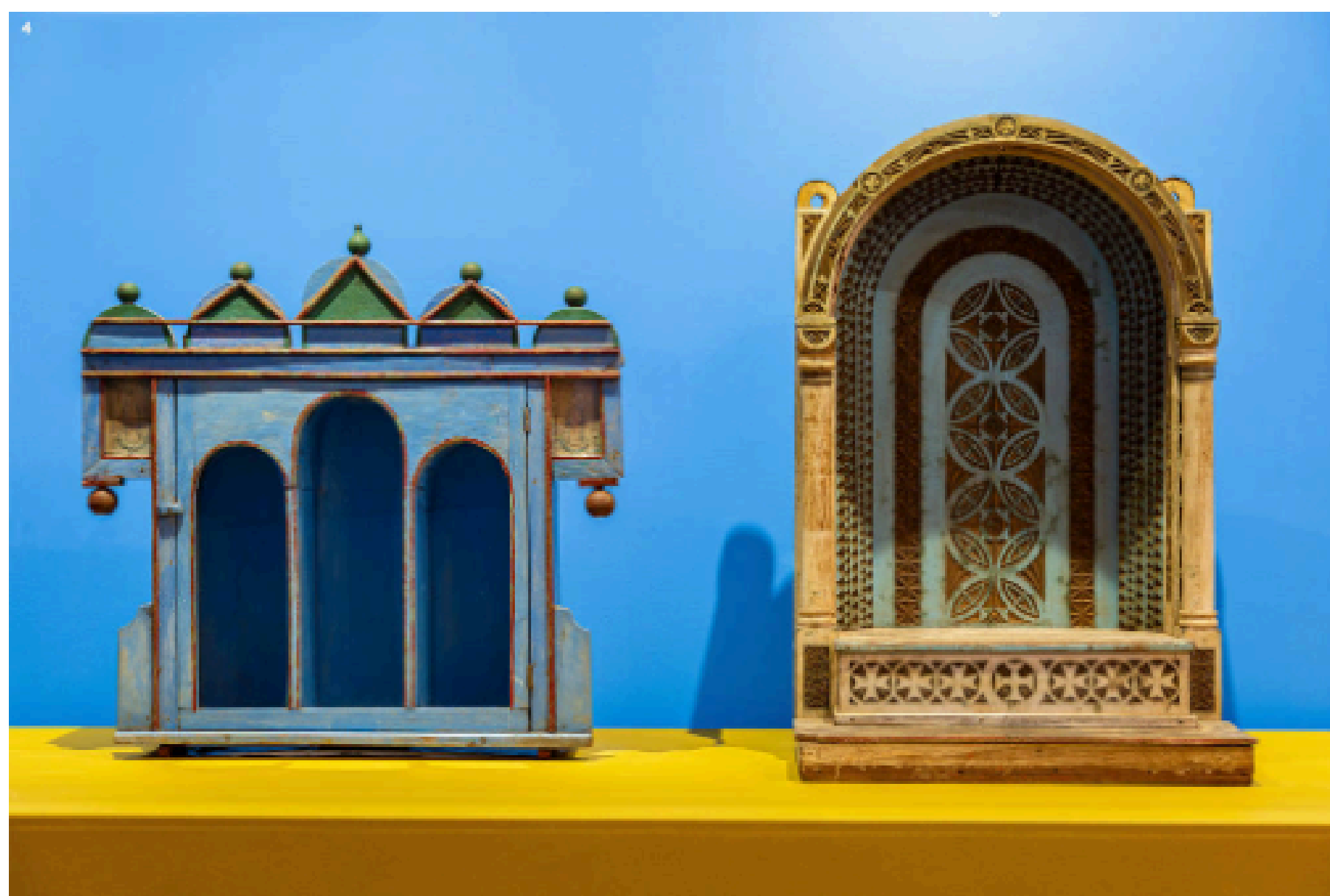
Pelas fotografias, podemos ver a "cara" dos imigrantes. São famílias numerosas, retratadas com expressões sérias; imagens feitas em comemorações da comunidade; ou até turmas escolares, com crianças loiras descalças e de cara fechada.



Em foto sem data, família italiana que chegou ao Espírito Santo para o cultivo do café
Divulgação/Arquivo Público Espírito Santo

A mostra ressalta diferenças culturais os italianos e alemães. Os italianos, católicos, traziam consigo imagens produzidas na Europa a baixo custo, representando cenas religiosas com santos, Jesus Cristo, o Espírito Santo, além de oratórios de madeira e outros itens.

Já os alemães, predominantemente protestantes, não aderiam ao culto à imagem. Uma das decorações mais comuns em suas casas eram ditados de parede, quadros ornados com tipografia gótica e dizeres como "reze e trabalhe" ou "Deus ajuda quem cedo madruga".



Mostra 'Design e Cotidiano na Coleção Azevedo Moura', no Museu do Ipiranga - Hélio Nobre/Divulgação

Na culinária também se distanciavam –enquanto os italianos tinham rolos para preparar massas e raladores de queijo, os alemães tinham potes para chucrutes e geleias, além de um verdadeiro arsenal de itens relacionados ao consumo de cerveja. Estão dispostas canecas de chopp, algumas decoradas com o rosto de pessoas –caricaturas bem-humoradas de bêbados, com rosto inchado e bochechas rosadas.

Um dos costumes curiosos em destaque veio da região da [Pomerânia](#), entre a Alemanha e Polônia, onde noivas vestiam preto no dia do casamento. Segundo historiadores, esta seria uma forma de protestar contra a prática medieval "jus primae noctis", que dava ao senhor feudal o direito de "ter" a primeira noite com a noiva de um vassalo.



Recursos de acessibilidade em 'Design e Cotidiano na Coleção Azevedo Moura', no Museu do Ipiranga. Seções "para ver com as mãos" estão presentes em todos os núcleos da mostra - Hélio Nobre/Divulgação

Alguns dos objetos não são mais comuns hoje em dia, como uma manteigueira. Outros voltam a ser utilizados, como utensílios para torrar café. É uma reflexão que a mostra propõe sobre a mudança dos nossos pertences com o passar do tempo. Em São Paulo não se encontra lamparinas à base de querosena, mas, nos interiores do Sul ou Nordeste do Brasil, podem ser itens corriqueiros.

"Quando as pessoas conseguem mais recursos, tendem a querer apagar o passado", aponta a curadora. "[Tina e Calito] viram muitas coisas serem descartadas, e por isso passaram a comprar, para preservar essa memória", conclui.

DESIGN E COTIDIANO NA COLEÇÃO AZEVEDO MOURA

Quando Até 28 de setembro. Ter. a dom., incluindo feriados, das 10h às 17h.

Onde Museu do Ipiranga - r. dos Patriotas, 100, São Paulo

Preço Entrada gratuita (somente para esta exposição)
